

INTERPRETAÇÃO DA ORIGEM DA EXPERIÊNCIA DE OUVIR VOZES

THYLLIA TEIXEIRA SOUZA¹; MARIA LAURA DE OLIVEIRA COUTO²; LUCIANE PRADO KANTORSKI³

¹*Universidade Federal de Pelotas – thyliasouza@hotmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – lauracouto@uol.com.br*

³*Universidade Federal de Pelotas – kantorski@uol.com.br*

1. INTRODUÇÃO

Ouvir vozes que outras pessoas não ouvem é uma experiência compartilhada por diversas pessoas e pode possuir diferentes significados, além de ser vivenciada em diversos contextos socioculturais e em diferentes períodos históricos (BARROS; JÚNIOR, 2014).

E mesmo que esse fenômeno faça parte da vida de cerca de 4% a 10% da população em todo o mundo, 2-4% deste total é composto por pessoas que não entendem a audição de vozes como um sintoma. As vozes podem refletir muitas vezes aspectos importantes do estado emocional, emoções que muitas vezes não são expressas por eles (BAKER, 2016).

O Movimento de Ouvidores de Vozes surgiu na Holanda em 1987 com Marius Romme e Patsy Hage, a partir de uma nova visão acerca da experiência de ouvir vozes, que a comprehende como parte fundamental da identidade humana. Romme e Escher (1989), em sua pesquisa, apontam que 70% dos pacientes de serviços psiquiátricos e 50% dos ouvidores que não fazem parte do serviço psiquiátrico, o início da experiência de ouvir vozes está claramente associada a experiências de vida diárias ameaçadoras ou traumáticas.

Somado a isso, o estudo de Cottam et al. (2011) concluiu que ter uma crença religiosa ou não é menos decisivo sobre as interpretações que o ouvidor atribui às suas vozes, do que frequentar ou não o serviço de saúde mental, visto que este se mostrou mais influente sobre as interpretações que o ouvidor atribui às vozes.

Dessa forma, pelo modo que interagem com o ouvidor, as vozes podem demonstrar o que aconteceu na vida dessa pessoa de diferentes maneiras: pelas suas características; pelo que elas dizem, isto é, metáforas ou diretamente, pelos gatilhos que as disparam e assim por diante (ROMME et al, 2009).

A partir do que foi exposto, este trabalho tem o objetivo de relatar as interpretações da origem da escuta das vozes pelos ouvidores de vozes.

2. METODOLOGIA

Este trabalho é parte do trabalho de conclusão de curso "Percepção dos ouvidores acerca da experiência de ouvir vozes", possui uma abordagem qualitativa exploratória. Foi realizado no Centro de Atenção Psicossocial Fragata na cidade de Pelotas/RS, com 14 ouvidores de vozes no período de abril a maio de 2018. Foram feitas entrevistas semiestruturadas, as quais foram gravadas e transcritas na íntegra, analisadas e discutidas.

Foram respeitados todos os preceitos éticos da resolução 466/12 que dispõe de pesquisa com seres humanos. Esta pesquisa é parte do projeto maior "Ouvidores de vozes – novas abordagens em saúde mental", que obteve

aprovação pelo comitê de ética da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pelotas sob o parecer nº 2.201.138 do ano de 2017.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A experiência de ouvir vozes muitas vezes não é compreendida por parte dos ouvintes, que buscam incessantemente uma resposta para este fenômeno, em sua maioria assustador. Nesta pesquisa, alguns ouvintes de vozes encontraram uma explicação para a origem das vozes através de sua religião. Como pode ser observado na fala a seguir:

"Hoje eu vejo como uma faculdade mediúnica, eu não vim com essa faculdade mediúnica pra ser uma pessoa prejudicada, eu vim com essa faculdade mediúnica como uma ferramenta a mais pra mim conseguir resgatar tudo que eu fiz de errado lá no meu passado nas minhas encarnações passadas, eu não tenho como explicar de outra forma..."
(Ouvintes 6)

Ao compreender o fenômeno da audição de vozes com a ajuda da crença religiosa, o ouvinte adquire uma melhor compreensão sobre essa experiência, não se tornando refém das vozes e todos os aspectos que rodeiam as mesmas. É importante ressaltar que esta interpretação acerca das vozes esclarece parte do relacionamento pessoal com as mesmas e ainda, a estrutura de poder entre a pessoa e as vozes (ROMME; ESCHER, 1997).

Através de uma pesquisa de McCarthy-Jones, Waegeli e Watkins (2013), a partir de suas entrevistas com os ouvintes, verificaram que a religiosidade pode auxiliar na busca de um sentido para as vozes quando nenhuma outra explicação ou interpretação parecem suficientes para este ouvinte. Assim, a religiosidade proporciona uma compreensão acerca desta experiência para alguns ouvintes.

Também existem ouvintes que não possuem crença religiosa e suas interpretações acerca das vozes são baseadas, muitas vezes, nas explicações da psiquiatria, que afirma que as vozes são produzidas na mente. Como pode ser visualizado na fala abaixo:

"Sinceramente. Eu acho que é da minha cabeça. [...] acho que é uma produção minha. [...] olha, eu acho que foi por causa do estupro, quando eu era pequeno, que gerou isso, esse trauma, mas eu não posso comprovar isso." (Ouvinte 13)

Um ponto mencionado pelo Ouvinte 13 é com relação aos eventos traumáticos em sua vida. Portanto, é importante conhecer a história de vida desse ouvinte, os acontecimentos que causaram sofrimento e como esses refletem no seu cotidiano, como a escuta de vozes.

O estudo de Andrew, Gray e Snowden (2008), foi realizado com dois grupos de ouvintes de vozes, um com 22 sujeitos pacientes do serviço de saúde mental e outro com 21 sujeitos que não eram pacientes, que haviam vivenciado eventos traumáticos. Os resultados encontrados mostraram que os pacientes que estavam no serviço de saúde mental possuíam maior número de eventos traumáticos como abuso sexual e sintomas de transtorno de estresse pós-traumático, tornando-os mais vulneráveis a experiência de ouvir vozes, diferente dos que não eram pacientes. Concluindo assim, que a natureza do trauma e o quanto que ele não é resolvido na vida do ouvinte mostram-se como determinantes na interpretação que o mesmo faz para sua experiência de ouvir vozes.

Além destes que interpretam sua experiência com base em uma crença religiosa ou mesmo aqueles que possuem outras interpretações que não são vinculadas a religião, alguns ouvidores atribuem suas interpretações a questões sobrenaturais como anjos, guias e pessoas falecidas. Pode ser observado nas falas:

“Pode ser um guia. Podia ser naquela época que eu estava mais fraca né? Naquela época eu não tinha ajuda de ninguém. Podia ser uma maneira de me proteger.” (Ouvidora 3)

“São anjos, só que eles não tem asas tão quebradas, as asinhas tão quebradas.” (Ouvidora 7)

Como citado anteriormente, conseguir compreender a experiência de ouvir vozes é importante na busca de um significado para este fenômeno. Tentar se comunicar com elas é uma estratégia para aprender a lidar com essas vozes, pensando que é possível viver com elas, dando mais poder ao ouvidor e fazendo com que ele as aceite e estabeleça uma conexão com o seu passado e todos os seus acontecimentos (CONTINI, 2017).

4. CONCLUSÕES

Com este trabalho pode-se concluir que é necessário que a escuta de vozes possa ser compreendida de uma nova forma, sendo importante falar sobre as vozes, conhecer a história de vida de cada pessoa que vive esta experiência, visto que são peças fundamentais para auxiliar no seu enfrentamento.

Foi possível compreender as diversas interpretações que os ouvidores têm sobre as suas experiências, as quais são influenciadas tanto por eventos traumáticos, quanto por questões sobrenaturais e crenças religiosas, apresentando que a religião muitas vezes molda a forma como esta vivência é compreendida.

Evidencia-se a importância de que o conhecimento sobre esta temática seja disseminado para todos os profissionais da saúde, sabendo-se que o usuário com transtorno mental sofre preconceito e estigma pela sua doença, e que as pessoas que possuem a experiência de ouvir vozes, em sua maioria com experiências negativas, recorrem aos serviços de saúde buscando apoio e compreensão.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDREW, E; GRAY, N; SNOWDEN, R. The relationship between trauma and beliefs about hearing voices: a study of psychiatric and non-psychiatric voice hearers. **Psychological Medicine**, v.38, n.10, 1409-1417p, 2008.
- BAKER, P. **Abordagem de Ouvir Vozes: Treinamento Brasil**. Tradução de Lindsei Ferreira Lansky. CENAT – Centro Educacional Novas Abordagens Terapêuticas, 2016.
- BARROS, OC; JÚNIOR, ODS. Ouvir Vozes: um estudo sobre a troca de experiências em ambiente virtual. **Interface Comunicação Saúde Educação**, V.18, n.50, 557-69p, 2014.
- CONTINI, C. Ouvir Vozes: Manual de Enfrentamento. In: KANTORSKI, LP; ANTONACCI, MH. **Prefácio à Edição Brasileira**. Pelotas: Cópias Santa Cruz, 232p, 2017.
- COTTAM, S; PAUL, S.N; DOUGHTY, O.J; CARPENTER, L; AL-MOUSAWI, A; KARVOOUNIS, S; DONE, D.J. Does religious belief enable positive interpretation of

auditory hallucinations? A comparison of religious voice hearers with and without psychosis. **Cognitive Neuropsychiatry**, V.16, n.5, 403-421p, 2011.

MCCARTHY-JONES, S; WAEGELI, A; WATKINS, J. Spirituality and hearing voices: considering the relation. **Psychosis**, V.5, n.3, 247–258p, 2013.

ROMME, M; ESCHER, S; DILLON, J; CORSTENS D.D; MORRIS, M. **Living with Voices: 50 Stories of Recovery**. PCCS Books, 346p, 2009.

ROMME, M. A. ESCHER, A. D. Hearing voices. **Schizophrenia bulletin**, V.15, n.2, 1989.

ROMME, M; ESCHER, S. **Na companhia das vozes: para uma análise da experiência de ouvir vozes**. Lisboa: Editorial Estampa, 1997.